

O DERRETIMENTO DO FUTURO: PROJEÇÕES PARA UMA JUVENTUDE DESPROVIDA DE SALVAGUARDAS

THE MELTING OF THE FUTURE: PROJECTIONS FOR YOUTH UNLESSED WITH SAFEGUARDS

LA FUSIÓN DEL FUTURO: PROYECCIONES PARA LA JUVENTUD SIN SALVAGUARDIAS

Orlando BIF¹
Lucas de SOUZA²
Roberta PASQUALLI³

RESUMO: A preocupação central desse ensaio teórico volta-se para questões relacionadas às juventudes, envolvendo expectativas de formação para a vida, para o trabalho e suas relações com a escolaridade. Apresenta-se questões históricas e suas consequências nas vivências juvenis, levando em consideração que as juventudes se constituem a partir de suas inserções em contextos socioculturais. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, produzido por meio de pesquisa bibliográfica, envolvendo autores como Leão, Dayrell e Reis (2011), Frigotto (2009) e Peralva (1997) entre outros. Como repercussões, destaca-se o descompasso aferido entre a escola e as juventudes, reforçando estereótipos e criando resistências. Tal descompasso contribui para o engrossamento das estatísticas de evasão escolar, mormente, os ocupantes das camadas populares que, além da preocupação imediata com a sobrevivência enfrentam dificuldades ocasionadas pela distância entre a vida real e os conteúdos escolares que não possuem mediação com suas vivências.

Palavras-chave: Juventudes. Escola. Trabalho. Educação.

ABSTRACT: *The central concern of this theoretical essay turns to issues related to youth, involving expectations of training for life, for work and their relationship with schooling. Historical issues and their consequences on youth experiences are presented, taking into account that youths are constituted from their insertions in sociocultural contexts. Methodologically, it is a research with a qualitative approach, produced through bibliographical research, involving authors such as Leão, Dayrell and Reis (2011), Frigotto (2009) and Peralva (1997) among others. As repercussions, the difference between the school and the youth stands out, reinforcing stereotypes and creating resistance. This mismatch contributes to the thickening of school dropout statistics, especially the occupants of the lower classes who, in addition to the immediate concern with survival, face difficulties caused by the distance between real life and school contents that have no mediation with their experiences.*

Keywords: *Youth. School. Work. Education.*

¹ Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT IFSC). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6803-8492>. E-mail: orlando.bif@ifsc.edu.br.

² Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT IFSC). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-3357-1550>. E-mail: lucasdez@hotmail.com.

³ Doutora em Educação (UFRGS). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8293-033X>. E-mail: roberta.pasqualli@ifsc.edu.br.

RESUMEN: *La preocupación central de este ensayo teórico gira en torno a cuestiones relacionadas con la juventud, involucrando expectativas de formación para la vida, para el trabajo y su relación con la escolarización. Se presentan cuestiones históricas y sus consecuencias en las experiencias juveniles, teniendo en cuenta que los jóvenes se constituyen a partir de sus inserciones en contextos socioculturales. Metodológicamente, se trata de una investigación con enfoque cualitativo, producida a través de una investigación bibliográfica, involucrando a autores como Leão, Dayrell y Reis (2011), Frigotto (2009) y Peralva (1997), entre otros. Como repercusiones se destaca la diferencia entre la escuela y la juventud, reforzando estereotipos y creando resistencias. Este desajuste contribuye al engrosamiento de las estadísticas de deserción escolar, especialmente de aquellos que ocupan las clases bajas, quienes, además de la preocupación inmediata por la sobrevivencia, enfrentan la dificultad provocada por la distancia entre la vida real y los contenidos escolares que no tienen mediación con sus vivencias.*

Palabras clave: *Juventud. Colegio. Trabajo. Educación*

Introdução

Estudos que relacionam as temáticas da juventude, do trabalho e da escola tem sido amplamente debatidos, principalmente, nos últimos anos, a partir de um cenário socioeconômico que restringe, cada vez mais, o acesso dos trabalhadores a condição de vida que garantam as necessidades básicas de sobrevivência.

Sendo assim, o presente ensaio busca tratar de questões relacionadas à juventude, envolvendo expectativas de formação para a vida, para o trabalho e suas relações com a escolaridade. Foi constituído numa abordagem qualitativa e produzido por meio de pesquisa bibliográfica como as produzidas por Leão, Dayrell e Reis (2011), Peralva (1997), Silva (2015), Santomé (1998) e Enne (2010). Também foi utilizado audiência do vídeo de Frigotto (2009). A escolha destes textos recai sobre a importância de tais pesquisadores acerca da temática.

Considera-se que as perspectivas de vida estudantil e laboral para as juventudes estão cada vez mais estreitadas e, neste sentido, o debate sobre o tema ganha relevância, pois trata-se de refletir como os jovens têm vivenciam este cenário e qual o papel que a escola exerce no acolhimento das questões da juventude. Pretende-se apresentar quais são os problemas e as perspectivas apontadas pelos autores estudados para as questões diagnosticadas durante o percurso da pesquisa.

Para tanto, esse ensaio teórico está estruturado em dois momentos: o primeiro apresenta questões históricas e suas consequências nas vivências juvenis, levando em consideração que as juventudes se constituem a partir de suas inserções em contextos

socioculturais visando identificar como esse panorama afeta a vida e as perspectivas da juventude. Num segundo momento, trata-se da juventude no contexto escolar, o que atrai o jovem para a permanência escola, como ele convive neste espaço de sociabilidade, quais as principais barreiras e alternativas de permanência e êxito que a escola dispõe aos jovens. Na sequência, apresentam-se as considerações finais e, por fim, as referências utilizadas.

Em busca de um tempo para a juventude

Ao iniciar as reflexões que se pretende apresentar neste ensaio a partir do texto “Juventude, projetos de vida e ensino médio” de Leão, Dayrell e Reis (2011) pretende-se trazer à luz uma questão que nos parece muito pertinente quando trata-se da dimensão do tempo em cada período de nossa história: a relação da juventude e o seu futuro. Partindo-se de um enfoque sociocultural, que julga-se coerente, pôde-se construir uma explicação mais ampla dos contornos que permeiam as ações, pensamentos e discursos do jovem acerca dos projetos de vida e das relações com a escola. Além disto, aponta-se para um enfoque onde descobre-se que os fenômenos revelados vão além da aparente realidade já que,

Pra grande parte dos professores, mas também dos pesquisadores, o jovem que frequenta o ensino médio é compreendido apenas na sua dimensão de aluno. Dessa forma, o ser aluno aparece como um dado natural e não como uma construção social e histórica. Independentemente do sexo, da idade, da origem social ou das experiências sociais vividas, é a sua condição de aluno, quase sempre na sua dimensão cognitiva, que irá informar a compreensão que o professor ou o pesquisador constrói desses atores. (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 1068).

Neste sentido é fundamental entender o tempo presente levando em conta as vicissitudes em relação às determinações do passado. Julga-se que isso é essencial para entender o atual estágio de configuração do sistema capitalista dentro de um período histórico que é amplamente subordinado às exigências desta formação socioeconômica.

Gaudêncio Frigotto (2009) discute estas questões em “Juventude com vida provisória e em suspenso.” No videodocumentário, ele observa que a crise do capitalismo caracterizada pela diminuição do emprego e pela flexibilização das relações de trabalho, abrem caminho para intensificação do trabalho precário e a superexploração da força dos que vivem do labor.

O vídeo de Frigotto (2009) contém depoimentos colhidos entre jovens que manifestam suas angústias diante do quadro que o autor desenha e, encontra eco na discussão que, ora propomos.

Sendo assim, dando eco à discussões de Frigotto (2009), Leão, Dayrell e Reis destacam que:

Se antes dominava o futuro aberto, passível de colonização na direção de uma terra prometida, na contemporaneidade o futuro passa a ser indeterminado e indeterminável, governado pelo risco. Ou seja, o futuro foge do controle, gerando um sentimento difuso de alarme, associado a uma sensação de impotência. Nesse sentido, a contemporaneidade inaugura novas formas de temporalização. O futuro se torna passível de perder o seu sentido como um tempo progressivo, controlável e planificável. Diante de um cenário marcado pelas incertezas e pelos riscos, a busca de sentido é transferida para o presente num eixo temporal curto que tornaria possível o seu controle. (LEAO, DAYREIL, REIS, 2011, p.1074).

Aos jovens, então, cabe adiar os projetos de vida de longo prazo, emprestando lugar às dúvidas e às incertezas. Não bastasse ter que lidar com estes problemas, sustentam o peso da exigência, a partir da ideia, difundida na sociedade, de que há um elemento particular no sucesso ou insucesso de cada qual e, desta maneira, as condições objetivas da realidade depõem contra os anseios da juventude.

Peralva (1997) afirma que as mudanças em ritmo acelerado nas transformações históricas acabam afetando a demarcação entre gerações e criam a ausência de uma consciência geracional, que é dissolvida pela indeterminação entre passado e futuro, esgotando o tempo linear e tem como sucedâneo o tempo funcionalmente diferenciado.

As mudanças operadas social e culturalmente acabam tendo consequências no ritmo e ciclo de vida alterando de modo tal que podem ser sentidas, principalmente, nas relações de trabalho e na retenção da vida escolar.

A autora também mostra como a modernidade contribuiu para a criação da imagem da juventude e, dessa forma, trabalha a delimitação do juvenil como fato da racionalidade moderna: como um arcabouço de manifestações burguesas a fim de controlar, delimitar e condicionar a vida biológica das pessoas com interesses sociais de coesão. Estes fins são, puramente, de dominação das esferas da vida no mundo capitalista.

Nesse sentido, o próprio desenvolvimento da sociedade capitalista e suas formas de sociabilidade ajudaram a designar as faixas etárias e suas funções na sociedade burguesa.

Como afirma Peralva (1997),

Desse ponto de vista também, a experiência das sociedades industriais no século XIX introduz elementos novos que aceleram essas transformações históricas, redimensionando-as, mas sobretudo redefinem o processo social de cristalização das idades, institucionalizando as diferentes fases da vida por efeito da ação do Estado. (PERALVA, 1997, p. 17).

Segundo a autora, a imposição das faixas etárias faz parte dos ajustes utilizados pela racionalidade burguesa no âmbito do capital e suas interferências na composição da vida em sociedade. Outro aspecto encontrado no texto é a cooptação do termo juventude como símbolo de consumo para atingir as pessoas que envelheceram, objetivando o engajamento para consumir produtos que buscam tornar-se ou dar sensação a esses consumidores de que a juventude é algo não biológico, mas que todos podem acessar independentemente da idade.

Leão, Dayrell e Reis (2011) acreditam que a postura diante da incerteza do futuro acaba transformando projetos em sonhos: como os dos jovens que buscam estabilidade na formação de uma família, como ocorre com os de idade mais avançada.

O desejo de escolaridade é muito presente entre os jovens e, principalmente, entre os mais jovens que buscam na Universidade, produto da expansão do ensino superior no Brasil a partir do primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o que não ocorrera com muitos dos seus pais, pela limitação da oferta.

Por outro lado, os mais experientes procuram assegurar um lugar no mercado de trabalho por meio dos cursos profissionalizantes. Que também ganharam destaque com a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, no mesmo governo do presidente Lula.

Poderíamos dizer que a sociedade joga sobre o jovem a responsabilidade de ser mestre de si mesmo. Mas, no contexto de uma sociedade desigual, além deles se verem privados da materialidade do trabalho, do acesso às condições materiais de viverem a sua condição juvenil, defrontam-se com a desigualdade no acesso aos recursos para lidar com a esta nova semântica do futuro, dificultando-lhes a elaboração de projetos de vida. Como lembra este autor, o dominado é convidado a ser o mestre da sua identidade e de sua experiência social, ao mesmo tempo em que é posto em situação de não poder realizar este projeto. (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 1081).

Silva (2015), analisando a juventude em idade escolar, acredita que há um jovem ‘liberal’ em conflito com uma escola tradicional uma vez que, com a expansão do

ensino e as novas conformações juvenis reconhece que a escola, ao receber estudantes com uma heterogeneidade de perfis, investidos em seu comportamento por uma diversidade de códigos oriundos do seu contato com o mundo exterior, na maioria das vezes, não dá conta de captá-los por meio de componentes curriculares assentados em saberes organizados.

Perdem o sentido para estes estudantes que, mesmo encontrando os seus no espaço da escola, não encontram mediação dentro da sala de aula. A dificuldade se encontra no momento em que há uma disparidade entre a velocidade em que as transformações ocorrem na sociedade e que são captadas pela escola. As vivências extraescolares acabam, na grande maioria das vezes, congeladas no ‘portão’ da escola formando uma barreira intransponível.

A despeito destes obstáculos, Silva (2015) entende que a escola ainda é um espaço que permite a sociabilidade dos jovens, principalmente os das camadas populares, uma vez que é na escola que encontram instrumentos materiais que não estão ao seu alcance nas comunidades de onde são oriundos. Afastados pela condição econômica das áreas de lazer já que estes espaços requerem deslocamento para áreas distantes do seu local de moradia, a escola acaba sendo, também, um local que proporciona para as juventudes celebrações entre os colegas.

Para Silva (2015),

A força social da escola torna quase obrigatória a inserção do jovem em seus espaços. Mas a demanda que o mundo atual solicita a ela evidencia um conflito: cabe à escola gerar novas qualidades de ensino; desenvolver aptidões criativas; acelerar o processo de formação; inseri-los nas novas formas e conteúdos do trabalho; atualizar-se pedagogicamente. Enquanto que o jovem aluno, formado pelos novos ethos da cultura juvenil, dista-se, ontologicamente, dessas demandas, sofre representações negativas na mesma direção que, negativamente, representa a escola. O saldo é, entre ambas, formar um reino de perplexidade (SILVA, 2015, p. 53).

Para Santomé (1998) o estranhamento entre os estudantes e a escola é resultado da forma tradicional já que, os conteúdos do currículo, ‘normalmente’ são desenhados a partir das tradições e formações que quem os elabora e, desta forma, alguns componentes curriculares acabam prevalecendo sobre os outros prejudicando, assim, a conexão dos estudantes com o conhecimento que, na sua origem, não é monopólio de uma vertente do saber.

Santomé (1998) tece críticas a esse modelo de currículo destacando, principalmente: a) falta de atenção aos interesses dos estudantes; b) a experiência prévia

dos estudantes é ignorada e entre outros fatores, seu ritmo de aprendizagem; c) o livro texto contribui para que o meio em que estudante está inserido culturalmente e cotidianamente desapareça na escola; d) o currículo impede as perguntas vitais; a fragilidade das relações entre estudantes e professores em nível pessoal; e) as questões vitais como a educação sexual são repelidas; f) a autonomia dos componentes curriculares impede que os estudantes relacionem os mesmos; g) o tempo, espaço e recursos humanos são desperdiçados prejudicando ou dificultando atividades extraclasse; h) não há estímulo ao estudante para todas as atividades que envolvem pesquisa, o senso crítico e sua autonomia e, i) o livro texto restringe a atividade docente.

Este desajuste entre a escola e a disposição dos jovens também é percebida por Enne (2010). A autora afirma que os jovens da segunda metade do século XX encaram uma encruzilhada de intrincada solução pois, ao mesmo tempo que lutam contra as instituições para não serem anulados enquanto sujeitos, tem que se utilizar das armas dispostas pelo sistema para inserção no mundo, principalmente, pelo viés do consumo, que criou uma cultura que fornece signos que criam recursos na disputa simbólica por meio do qual os jovens alcançam visibilidade social.

Ocorre que todo este processo tem um custo e a autora põe nesta conta a falta de regulação por parte da escola que, amiúde, ignora o acúmulo de experiências fornecidas aos jovens por este contexto que cria expedientes incorporados pelos jovens por meio da linguagem, música e outros artefatos surgidos a partir deste contato com a esfera midiática.

A autora sintetiza assim a questão,

A cultura do consumo, ao mesmo tempo em que fornece instrumentos para a construção de si, impõe limites, gera estigmas, provoca a frustração. A diversidade de sistemas sónicos, presentes nas mais diversas formas de comunicação (em especial as digitais), ampliou possibilidades de contato, mas reduziu, de forma paradoxal, a primazia do sentido, se convertendo em um turbilhão de signos aleatórios, que muitas vezes se perdem e não permitem a construção de trajetórias (o twitter talvez seja exemplo eloquente) coerentes, por vezes desejada (ENNE, 2010, p. 30).

Ao não assimilar estes sinais como passíveis de absorção pelos conteúdos dos componentes escolares, a escola limita a conversação com o seu público de maneira que as manifestações juvenis acabam passando a margem e criando conflito entre os que educam e os educandos. Verdade que há, por parte de muitos professores, experiências no âmbito escolar criando um esforço de aproximação com estes jovens a partir de

componentes curriculares que discutem a questões sociais e os dilemas que os jovens enfrentam no cotidiano. É, entretanto, fundamental reconhecer que a escola ainda caminha em passos lentos na direção de uma proposta inovadora de educação que tenha o a realidade concreta como ponto de partida.

Considerações finais

A primeira questão que deve ser considerada quando discute-se a temática das juventudes é que suas particularidades não são apenas conceituais. Temos uma infinidade de juventudes que partilham a mesma faixa etária mas, à luz das Ciências Humanas e Sociais, ela é composta por várias facetas que surgem a partir do contexto em que esta faixa da população está inserida.

Neste sentido, procurou-se apresentar neste ensaio alguns destes aspectos a partir da discussão da dimensão temporal e dos efeitos desta dimensão na perspectiva de vida dos jovens. Sua inserção no mundo do trabalho, a partir de um cenário de incerteza e crise que, entre outros, tornou crescente a subutilização da força de trabalho, a precarização dos empregos qualificados, o empobrecimento e a desigualdade econômica e social agravados, tantos por fatores endógenos como exógenos à economia brasileira, atrelados a consequências causadas por desenvolvimento capitalista tardio, incipiente e subalterno aos interesses imperialistas das grandes forças econômicas mundiais, também fizeram parte das discussões apresentadas.

Neste cenário discutiu-se, também, a relação dos jovens com a escola, entendendo este espaço como aberto para as práticas de sociabilidade entre os estudantes, entretanto, pautada pela dissonância entre as estruturas tradicionais da escola e os elementos que permeiam o olhar juvenil a partir da realidade pelo qual trafegam no seu itinerário cotidiano.

Destaca-se o descompasso aferido entre a escola e as juventudes, reforçando estereótipos e criando resistências, engrossando as estatísticas de evasão e jovens deslocados por esta condução, mormente, os ocupantes das camadas populares que, além da preocupação imediata com a sobrevivência, enfrentam a dificuldade ocasionada pela distância entre a vida real e os conteúdos escolares que não possuem mediação com suas vivências.

Não obstante a todas estas questões que afligem os jovens e que colocam um desafio enorme aos trabalhadores da educação, optou-se por terminar este ensaio

sinalizando, a despeito de nosso enfoque traduzido pelo título deste ensaio, com uma mensagem que aponta para o “otimismo da vontade” como sugeriu Antônio Gramsci (1975). Assim sendo, recolhemos dos poetas Capinan e Lobo (1967) um trecho do poema “O Tempo e o Rio” quando diz: “Quem vive, luta partindo para um tempo de alegria que a dor de nosso tempo é o caminho”.

Não custa lembrar, outrossim, que a práxis educativa não ocorre somente entre as quatro paredes da sala de aula. Percebe-se, nos espaços alternativos à sala de aula, sinais de que eclodem movimentos que partem da manifestação dos estudantes agrupados em organização local e passam a discutir temas que ganham amplitude e as ruas.

Neste momento é possível observar que, mesmo muitos jovens que não necessariamente possuem um engajamento político, acabam sendo arrastados por estas pautas, por sua dinâmica e por criar na escola uma atmosfera que coincide com os desejos da juventude de estar em movimento. Tanto melhor quando isso ocorre a partir da sala de aula, por isso bons professores também são aliados na causa das juventudes, nestes tempos em que suas referências são cada vez mais invadidas por desvios éticos e políticos refratários aos processos coletivos.

Referências

- CAPINAN, J. C.; LOBO, E. O Tempo e o Rio. *In*: Bethania, M. **Edu e Bethania**. Elenco, 1967. Faixa 10. Disco de Vinil.
- ENNE, A. L. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 7, n. 20, p.13-35, nov. 2010. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/203>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Juventude com vida provisória e em suspenso**. 2009. DVD.
- GRAMSCI, A. **Quaderni del Carcere** (edizione critica dell’Istituto Gramsci – a cura diValentino Gerratana). Torino: Giulio Einaudi, 1975.
- LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educ. Soc., Campinas**, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Jr9sGWbKhNRCFwFBMzLg34v/?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação, número especial: Juventude e Contemporaneidade**, n. 5-6, maio-dez. 1997. Disponível

em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24781997000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jan. 2023.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e Interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SILVA, M. P. da. Juventude(s) e a escola atual: tensões e conflitos no “encontro de culturas”. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 46-59, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/28958>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Enviado em: 21/12/2020.

Aceito em: 15/06/2022.

Publicado em: 30/12/2022.